

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Rua Araripina, 106 05603-030 São Paulo, Brasil. Tel. (011) 3816-6053 Fax: (011) 3816-5978

São Paulo, 24 de outubro de 2001

Otávio Frias Filho

Caro Otávio

Convalescente de uma cirurgia, li os trabalhos que me enviou logo após nosso último almoço: “Trópicos em Ruínas” e “A Falecida, de Nelson Rodrigues”. Foi um prazer lê-los, seja pelo estilo, ou pelas idéias.

Não conheço Heiner Müller e seja obra, mas fiquei fascinado pela sua narrativa de sua visita ao Brasil: a comparação entre Brecht e Müller, a recepção patética que a esquerda cabocla oferece ao escritor, que evidentemente não cabia nas caixinhas que esta construíra para recebê-lo. Afinal, grandes escritores ou pensadores, por definição, não cabem nos pobres esquemas que a maioria dos seus analistas e todos os seus epígonos inventam.

Nesse ensaio você aproveita para fazer a crítica da nossa ordem burguesa. Sua frase a respeito é lapidar e impiedosa: “Ao contrário do que... ela tende a se apresentar como descaramento ou como farsa”.

Sua metáfora das ruínas é instigante. Você diz que sua sensação ao ler Müller é de visitar as ruínas dos edifícios monumentais levantados por Brecht. Monumentais foram as ruínas reais do estatismo leninista e stalinista (que você chama de socialismo), como também imensas foram também as ruínas imaginadas dos verdadeiros socialistas. Todos, como você sugere, pretenderam fazer uma arquitetura da história. Ora, na conclusão você critica esta visão: não há maior arrogância do que pensar a história como projeto. Mas não se deixa levar pela tentação oposta: não há maior risco do que pensar a história como “pesadelo da razão”. Entre essas duas alternativas você sugere a possibilidade do “aprendizado social e da paulatina modificação da espécie pela cultura”. Viva! Mas talvez não seja necessária a modificação da espécie. Talvez baste o avanço da civilização sobre a barbárie, da tolerância sobre a ortodoxia. Como estamos vendo hoje, porém, esse avanço é cheio de percalços, especialmente quando os civilizados são homens e mulheres de consciência tranqüila tomados pelo medo e pelo orgulho.

Luiz Carlos Bresser Pereira

Sua análise da obra de Nelson Rodrigues é esclarecedora. Conheço menos do que devia essa obra, aceito as fases que Sábato Magaldi propôs, mas tenho dúvida que ele tenha deixado de ser trágico quando abandonou as peças míticas. A própria denominação, “tragédias” cariocas é significativa. São peças populares, fazem a crônica do Rio de Janeiro, mas continuam trágicas. Você diz que o encontro entre o plano trágico e o popular produziu um resultado inesperado: a tragédia se torna anticlimática, compelida a derivar ora para o patético, ora para a farsa. Pode ser, mas esta é a forma que Nelson Rodrigues encontrou para continuar o que essencialmente é: o grande trágico moderno, em um mundo burguês, onde só a lugar para dramas e comédias.

Você diz que o sexo domina toda a obra de Nelson Rodrigues. Sem dúvida. Mas o que dá a dimensão trágica à banalidade carioca é a forma pela qual ele leva tudo ao limites. As emoções e as situações não ficam jamais pela metade. São problemas insolúveis, são paixões definitivas.

A comparação de Rodrigues com Dostoievski é inesperada e iluminadora. O desprezo pelos critérios da razão. Creio que está aí a grande diferença entre os grandes artistas, e os homens que querem pensar o mundo racionalmente. Volta a questão que você enfrentou no ensaio sobre Müller. Nós queremos pensar o mundo de acordo com uma certa ordem, eles contentam-se com algo muito maior: por ordem na sua própria vida, nas suas intuições e emoções.

Eu sempre quis ser duas coisas: economista e sociólogo. E nunca me contentei em pensar o mundo, sempre quis, republicanamente, ajudar a fazê-lo um pouco melhor. Você sempre me diz que não acredita que isto seja possível, mas eu estou desconfiado de que você acredita cada vez menos no seu próprio pessimismo quanto à pobre natureza humana – pobre mas capaz de grandeza.

Venha me visitar. Estou em repouso, em casa. Ou, se não for possível, quando estiver melhor, almoçaremos.

Um abraço do